



O VOTO OPERÁRIO: AS ELEIÇÕES DE 1955 EM ALAGOAS

ANDERSON VIEIRA MOURA*

Com o fim do Estado Novo e o processo de redemocratização de 1945, surgiu uma nova lei eleitoral, bem diferente das anteriores, proporcionando um grande aumento no número de pessoas aptas a votar. Isso fez com que as eleições ganhassem importância e fossem crescendo ao longo dos quase 20 anos que separam as duas ditaduras brasileiras do século XX. O pleito de 1955 foi um dos mais concorridos desse intervalo democrático, muito em razão do ciclo anterior, iniciado com o retorno de Getúlio Vargas à presidência e encerrado com sua morte em agosto de 1954. O suicídio de Vargas, aliás, interferiu diretamente naquela eleição (D'ARAÚJO, 1992: 44).

Alguns pesquisadores, posteriormente, enxergaram nos processos eleitorais aspectos essenciais que ajudam a entender melhor a conjuntura política brasileira do período. No caso deste trabalho, é uma forma – ainda que indireta – de inserirmos a classe trabalhadora alagoana nesse debate. Em alguns casos, é o único meio, por causa do limitado acervo documental em Alagoas acerca dos trabalhadores. Ainda que o caminho por esse viés seja mais longo, sua relevância não deve ser descartada tão apressadamente. Francisco Weffort, por exemplo, considera a eleição um importante elemento para a análise do período entre os anos de 1945 e 1964. “Por menos que se queira, este meio formal e limitado foi decisivo como forma de expressão política das massas populares” (WEFFORT, 2003: 17).

Alagoas foi um dos três estados a eleger um governador da União Democrática Nacional (UDN) em 1950: Arnon de Mello. Mello chegou ao fim da campanha eleitoral de 1955 bastante confiante na vitória de seu candidato, Afrânio Lages. O jornal *A Voz do Povo* – periódico oficial do Partido Comunista do Brasil no estado – criticou ferozmente a escolha de Mello. Segundo a folha comunista, Afrânio Lages, além de fascista (por suas ligações passadas com o integralismo), era o candidato dos interesses norte-americanos, como também representava “uma continuação do atual estado de violência e miséria” (ARNON ESCOLHE UM fascista para governador. *A Voz do Povo*. Maceió, 11 jun. 1955, p. 1).

A oposição, por seu turno, reuniu-se quase por completo para enfrentar o candidato udenista¹. Após idas e vindas, desentendimentos e disputas, escolheu-se então deputado federal Muniz Falcão, do Partido Social Progressista (PSP), tendo como vice Sizenando Nabuco, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). O Partido Social Democrático (PSD) não apenas retirou-se da chamada “Frente Popular Alagoana”, como também, nas vésperas da eleição, pediu votos para Afrânio Lages.

Ao fim e ao cabo, Muniz Falcão foi eleito governador com uma diferença no cômputo geral de pouco mais de 3.000 votos em relação a Lages, vencendo em praticamente todas as cidades com operariado têxtil e movimentação comunista (MAJELLA, 2010: 162). Na cidade de Rio Largo, a diferença chegou a 1.800 votos de vantagem para a “Frente Popular Alagoana”, tanto para governador quanto para vice; Maceió, cuja diferença entre os dois candidatos passou os 7.000 votos, possuía cerca de 20% do eleitorado de todo o estado em 1955 e teve uma abstenção de mais de 50% na contagem final (IHGAL, *Diário Oficial do Estado de Alagoas*. Maceió, 26 out. 1955, pp. 9-10). Vejamos a tabela abaixo:

Tabela 1: votação para governador nas cidades com alguma atividade têxtil e base comunista.

Município	Votos para Muniz Falcão	Votos para Afrânio Lages
Maceió	13.939	6.727
Delmiro Gouveia ²	543	881
Pão de Açúcar ³	983	2.010

* Doutorando em História Social pela Universidade Estadual de Campinas.

¹ Cf.: MOURA, Anderson Vieira. “Uma candidatura de inspiração popular”: a formação da Frente Popular Alagoana (1955)”. *Cadernos de História*, v. 17, n. 27. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016, p. 406-430.

² Delmiro Gouveia, outrora conhecida como Pedra (tornou-se cidade apenas no início de 1950), era um povoado pertencente à cidade de Água Branca que nasceu a partir de uma estação ferroviária. Pedra começou a se transformar quando o comerciante cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia lá se instalou para negociar com couro. Para aproveitar o potencial hidroelétrico de Paulo Afonso (distante cerca de 45km), em 1913, fundou a Companhia Agro Fabril Mercantil para produzir linhas de coser, de olho em outro potencial das redondezas: o algodão, o principal produto agrícola do sertão. Quatro anos depois, foi assassinado na porta de sua casa.

³ Por sua vez, Pão de Açúcar está situada às margens do Rio São Francisco, em pleno sertão alagoano, e é um dos mais antigos povoados do estado. Nos anos 1950, chegou a ter duas fábricas de beneficiamento de algodão. Não fugia ao estereótipo das cidades da região: violência política, assassinatos encomendados e disputas entre os coronéis. Em 1958, a principal figura política da cidade, Elísio Maia, elegeu-se deputado estadual pelo PSP, selando uma oportuna aliança de Muniz Falcão com políticos da região.

Penedo	1.700	1.270
Pilar	836	559
Rio Largo	2.805	994
São Miguel dos Campos	1.491	918

Fonte: *Jornal de Alagoas*. Maceió, 9 out. 1955, p. 1 e *Gazeta de Alagoas*. Maceió, 12 out. 1955, p. 1⁴.

Para uma melhor visualização, destaquei as duas cidades em que Afrânio Lages obteve vitória. No geral, das 37 cidades com Zona Eleitoral, Muniz venceu apenas em 12 (incluindo as cinco da tabela acima). A expressiva superioridade na capital, juntamente com a diferença nessas localidades (sobretudo em Rio Largo), foi decisiva para a vitória da “Frente Popular Alagoana”⁵. Confirma o prognóstico de Douglas Tenório, de que Muniz dominou “sem restrições o eleitorado operário” (TENÓRIO, 2007: 196).

Desde a campanha, a importância eleitoral dos trabalhadores urbanos não era descartada e seus votos disputados pelos candidatos. Quando concedeu uma entrevista ao *Jornal de Alagoas* – pertencente aos *Diários Associados* do pessedista Assis Chateaubriand –, Arnon de Mello estava percorrendo algumas seções eleitorais. Até aquele momento, havia visitado os bairros do Bom Parto, Bebedouro, Tabuleiro dos Martins, Ponta Grossa, o distrito de Fernão Velho e a cidade de Rio Largo (O GOVERNADOR ARNON de Mello. *Jornal de Alagoas*. Maceió, 4 out. 1955, pp. 5-6)⁶. A campanha de Afrânio Lages foi encerrada com dois comícios no dia 1º de outubro, sendo um em Rio Largo e o outro em Fernão Velho (DECLARAÇÃO ÀS ÚLTIMAS horas das eleições. *Jornal de Alagoas*. Maceió, 2 out. 1955, p. 6). Os locais foram escolhidos pelas lideranças udenistas não sem alguma razão.

⁴ Entre as duas fontes, há discordância apenas em Maceió: na *Gazeta de Alagoas*, Muniz venceu com 7.212 votos a mais, enquanto no *Jornal de Alagoas* a diferença foi de 7.425. Nas outras cidades, os números são exatamente os mesmos em ambos os periódicos.

⁵ Segundo Douglas Tenório (2007: 186-187), durante a sua gestão, “gerou-se um ambiente propício para uma aliança entre setores da classe média baixa, pequena burguesia industrial, certos ‘coronéis’ do interior e alguns poucos ‘capitães da indústria’”. Ou seja, após sua derrota no sertão alagoano, os “coronéis” vieram oferecer seu apoio ao novo governador.

⁶ Fernão Velho tornou-se bairro de Maceió apenas na década passada. Até então, era um distrito da capital.

Próxima a Maceió, Rio Largo possuía duas grandes fábricas têxteis, ambas pertencentes ao industrial paraibano Gustavo Paiva⁷. De acordo com Luiz Sávio de Almeida, a militância comunista na cidade data desde os primórdios do partido no estado, na virada dos anos 1920 para os anos 1930 (ALMEIDA, 2006: 126-127). No final da década de 1940, havia por lá um diretório do PCB – somente Penedo e Rio Largo possuíam um, além de Maceió (MOURA, 2012) –, com duas células e aproximadamente 180 comunistas filiados, segundo números da Delegacia de Ordem Política, Social e Econômica (DOPSE). A polícia política mantinha constante vigilância nas localidades têxteis, como atesta esse trecho de um documento produzido pelo secretário de Interior e Educação e dirigido à delegacia: “As demais células [comunistas] achavam-se espalhadas nos municípios alagoanos, preferindo os vermelhos as localidades onde existiam fábricas de tecidos, de charutos, de manteiga, etc”. (APERJ. INFORMAÇÃO. DOPSE. D. Estados 02 - Alagoas cx. 605 fl. 27).

Os bairros de Maceió visitados por Arnon também eram redutos operários: no Bom Parto localizava-se a Fábrica Alexandria; Bebedouro, Tabuleiro dos Martins (bairros periféricos) e Ponta Grossa (central e com uma célula comunista) eram típicos locais de moradia dos filhos do trabalho desde os primeiros anos do século XX (MACIEL, 2009 e MOURA, 2012). Já em Fernão Velho localizava-se uma das maiores fábricas têxteis de Alagoas, com enorme contingente de trabalhadores e constante movimentação de comunistas em suas ruas e na própria fábrica, além de uma grade célula do PCB conforme nos informa a DOPSE: “Um pouco afastado desta cidade, existia, também, uma célula no centro industrial (Fábrica Carmen), em Fernão Velho, com apreciável número de militantes. Calcula-se que o efetivo daquelas células seja de 2 mil militantes” (APERJ, INFORMAÇÃO. DOPSE. D. Estados 02 - Alagoas cx. 605 fl. 26).

Em outro documento produzido pela DOPSE, a polícia política identificou movimentação comunista nas localidades maceioenses citadas acima. Cito dois exemplos. No

⁷ A primeira fábrica era, na verdade, de seu sogro. Após a morte deste, Gustavo Paiva assumiu os negócios, ampliando-o consideravelmente. Dois de seus filhos enveredaram também pela política, filiados ao PSD. Humberto elegeu-se deputado estadual constituinte em 1947 e Arnaldo igualmente esteve na Assembleia Legislativa, em 1954 e 1962. Antes disso, fora prefeito de Rio Largo e posteriormente suplente do senador Teotônio Vilela, pela ARENA, no final dos anos 1960. Um distrito da cidade leva o nome do patriarca da família e uma de suas netas foi prefeita de Rio Largo em 2004 pelo PMDB.

Jacintinho, o operário Florentino Cavalcante filiou-se ao PCB em 1945. Ao menos uma vez terminou encarcerado, em março de 1951 (gestão Arnon de Mello). Classificado como “agitador comunista”, a polícia pegou-o distribuindo “material de propaganda subversiva: boletins e jornais de caráter comunista” (APA, DOPSE. Ficha nº 23, Pasta 10, p. 15). No supratricado Fernão Velho, o operário têxtil Arlindo Lopes Ferreira, comunista e sindicalizado, mantinha “ligações com os comunistas Rubens Colaço e Rubem Ângelo”, além de ter participado “ativamente de uma greve naquele centro, juntamente com outros elementos esquerdistas movimentando e orientando” (APA, DOPSE. Ficha nº 75, Pasta 15, p. 5). Certamente ambos fizeram campanha para Muniz Falcão em seus círculos sociais.

Essas informações são corroboradas pelos depoimentos orais. Perguntei a três trabalhadores sobre as eleições ao tempo em que entraram nas fábricas, em meados dos anos 1950, quando nenhum deles ainda votava. Tecelã da Fábrica Alexandria, Ednaura Oliveira, por exemplo, só tirou título de eleitor em sua maturidade, em 1975 (juntamente com carteira de identidade. Até aquele ano, possuía apenas a carteira de trabalho, que guarda até hoje e ainda faz questão de participar das eleições). Segundo ela, naqueles anos, havia “comício em todo canto” e os políticos compareciam ao bairro do Bom Parto, visitando os operários. Para os comícios, montava-se o palanque onde os candidatos ficavam “um esculhambando o outro”⁸. Antonio Cardoso e vários outros entrevistados contaram que Arnon de Mello e Muniz Falcão visitaram Fernão Velho⁹.

Até mesmo a fábrica de Saúde – povoado do distrito de Ipioca e relativamente isolado e com um acesso mais complicado que as demais – não ficou de fora do radar dos candidatos, conforme relatou Luís Paulino. O ex-funcionário soube pelos mais antigos que Arnon de Mello andou pelo distrito, pois era amigo da família proprietária da fábrica¹⁰. Quando questionado especificamente sobre Muniz Falcão, Luís confirmou sua presença por lá, pois os

⁸ Depoimento de Ednaura Oliveira da Silva concedido ao autor em 27 de maio de 2014.

⁹ Depoimento de Antonio Cardoso concedido ao autor em 22 de outubro de 2014. Outros operários recordam-se de ambos visitando Fernão Velho.

¹⁰ Contudo, o ex-governador está marcado na memória dos habitantes do distrito por outro motivo. Em entrevistas e conversas informais, moradores lembram Arnon ao falar de seu filho, Fernando Collor, que é muito estimado em Saúde. É praticamente impossível uma conversa sobre Arnon não desembocar automaticamente em Collor, inclusive entre os mais velhos.

candidatos sempre apareciam na localidade em “tempo de política”. Apesar da amizade entre Mello e a família Nogueira, havia certa liberdade no período eleitoral. “Era mesma coisa de hoje. Porque naquela época a *gente também já tinha o direito de escolher o candidato*”¹¹.

Depois dos discursos, vamos à prática. Nas três grandes fábricas têxteis maceioenses (todas dentro do sistema fábrica com vila operária¹²) havia seções eleitorais, sendo Saúde pertencente à 2ª Zona e Fernão Velho e Alexandria à 3ª Zona Eleitoral – zona que deu a maior votação a Muniz em todo o estado –, sendo possível observar o voto do operariado. Em 1955, o eleitor não era ligado a uma seção fixa; muito provavelmente o sufragista votava perto de casa – e nos casos aqui citados, residia bem próximo do trabalho. De bônus, duas seções portuárias, apenas para efeitos comparativos. Vamos conhecê-las um pouco melhor.

À 9ª Seção, localizada no Sindicato dos Conferentes e Consertadores de Cargas e Descargas do Porto de Maceió, na Rua Sá e Albuquerque, em Jaraguá (tradicional e antigo bairro portuário da cidade), compareceram 172 votantes. No Sindicato dos Estivadores, situado na Praça General Lavenere Machado (hoje Praça Dois Leões), no mesmo bairro, existia a 10ª Seção; lá compareceram 197 eleitores. Com 112 votantes, temos a 12ª Seção, instalada em uma das salas (havia três seções no local) do Grupo Escolar de Saúde (em seu depoimento, Luís Paulino confirmou que havia seções na escola). Essas são as seções da 2ª Zona. Na 3ª Zona temos: na 25ª Seção, no refeitório da Fábrica Alexandria, compareceram 185 eleitores; em Fernão Velho havia as seções 33ª (Dispensário Infantil), 34ª (grupo escolar), 35ª (Círculo Operário), 36ª e 37ª (ambas no Colégio São José), com 723 votantes (uma média de 145 por seção). Para facilitar a vida do leitor após essa confusão de seções eleitorais, construí alguns gráficos. Eis os números¹³.

Gráfico 1: votos para governador na 9ª Seção (Sindicato dos Conferentes).

¹¹ Depoimento de Luís Paulino concedido ao autor em 28 de outubro de 2014. Grifos meus.

¹² Cf.: LOPES, 1988.

¹³ Os dados contidos nos gráficos da 2ª Zona Eleitoral foram retirados de: 3.112 VOTOS NULOS e em branco na Segunda Zona. *Jornal de Alagoas*. Maceió, 12 out. 1955, pp. 4-5. Já os da 3ª Zona podem ser encontrados em: RESULTADOS ATÉ ONTEM nesta capital. *Gazeta de Alagoas*. Maceió, 8 out. 1955, p. 1.

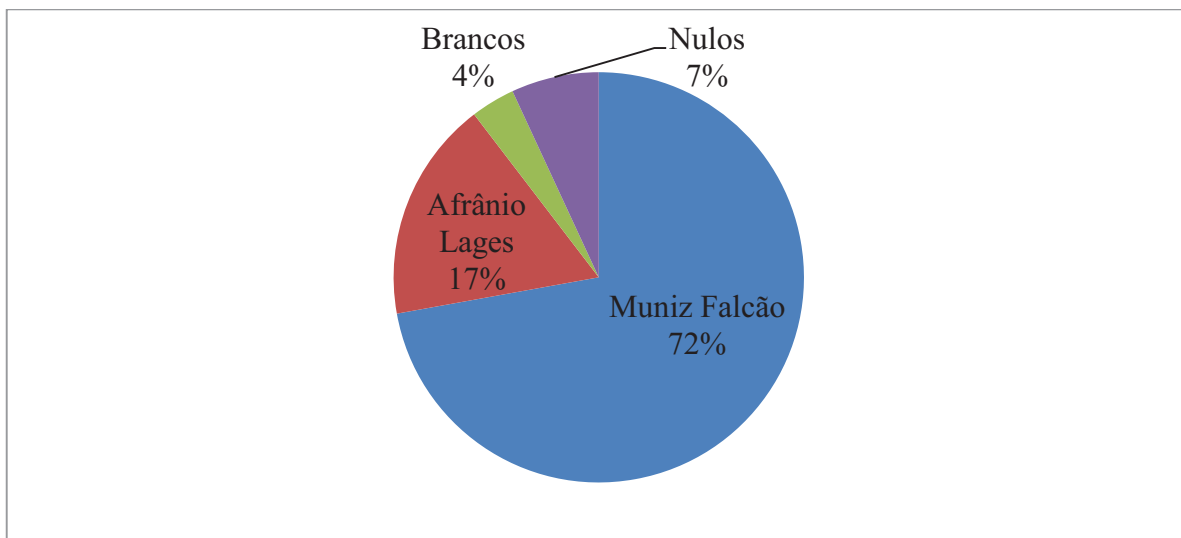
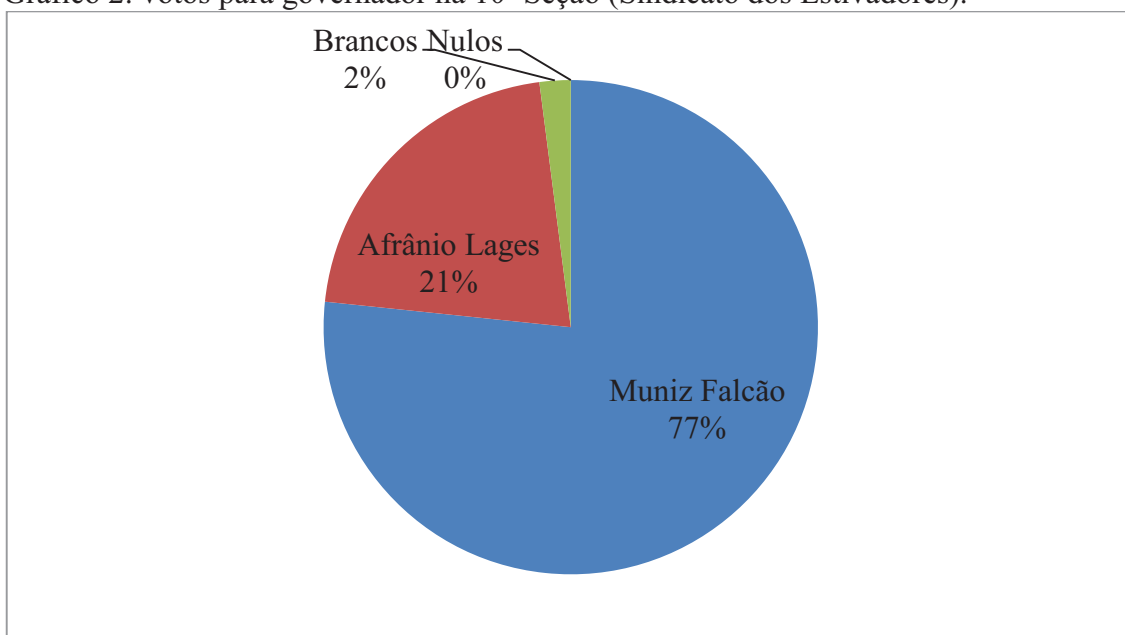


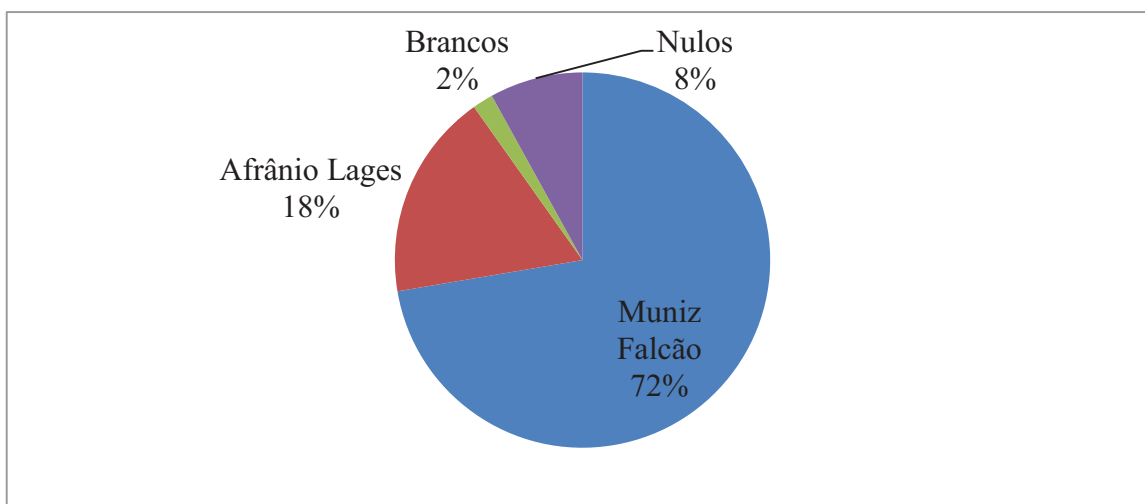
Gráfico 2: votos para governador na 10ª Seção (Sindicato dos Estivadores).



Observamos, além de um voto claramente classista e da vitória tranquila do candidato do PSP, uma paridade na divisão dos votos entre os dois candidatos nas duas seções. Como governador, Muniz realizaria uma grande reforma no Porto de Maceió, aumentando sua capacidade, e receberia mais de uma vez ao longo de seu mandato várias categorias

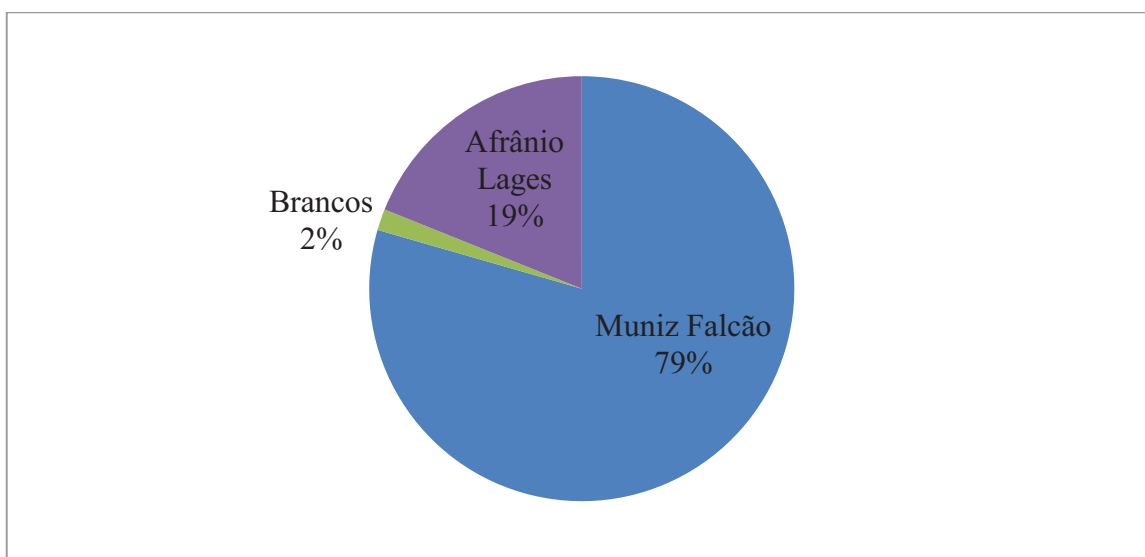
portuárias, especialmente os estivadores. Como os personagens principais desse trabalho são os têxteis, detalho um pouco mais a votação nas referidas seções.

Gráfico 3: votos para governador na 12ª Seção (sala “B” do Grupo Escolar de Saúde).



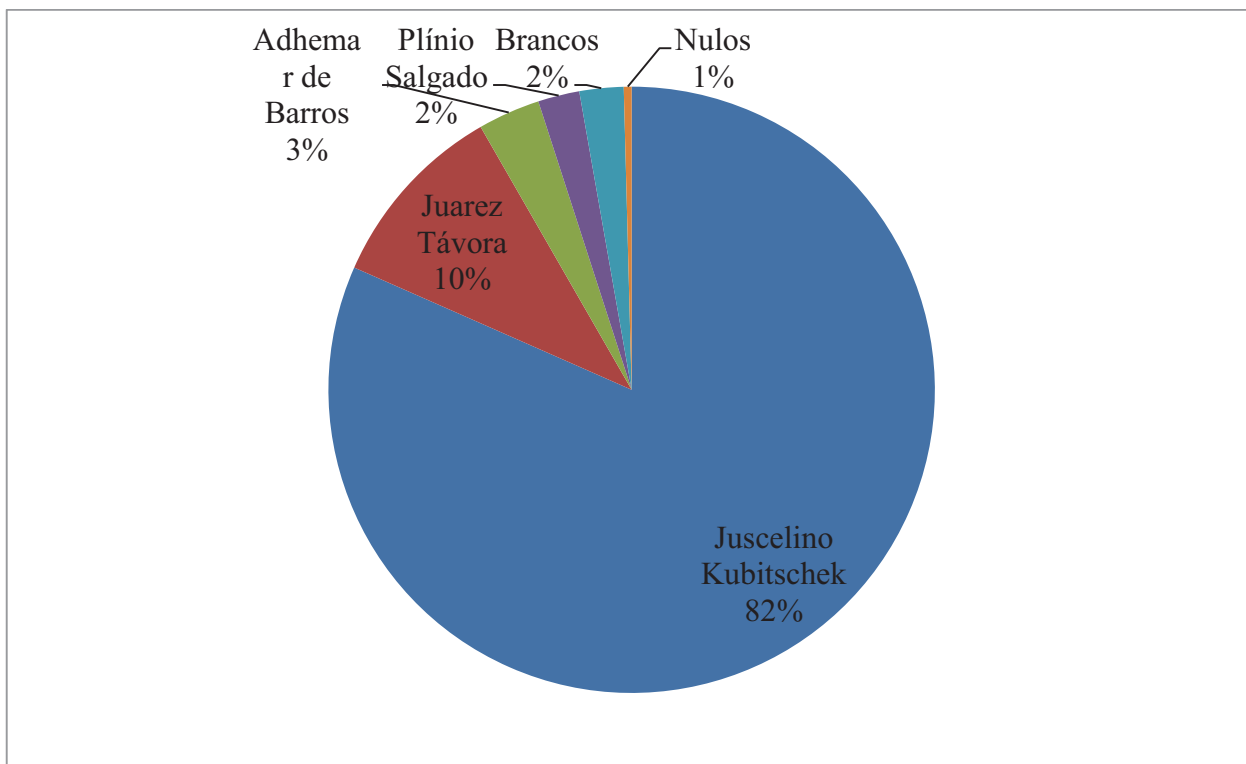
Com uma validação de 90%, Muniz Falcão teve uma vitória tranquila e o percentual é praticamente o mesmo das seções portuárias. Passo agora para 3ª Zona Eleitoral.

Gráfico 4: votos para governador na 25ª Seção (Refeitório da Fábrica Alexandria).



Os operários da Fábrica Alexandria aumentaram um pouco a média em relação aos seus companheiros de Saúde, sobretudo por ter um número bem maior de votos válidos (98%) e de eleitores, com índices mais próximos aos dos estivadores, por exemplo. Em resumo, nas seções operárias analisadas, tivemos vitórias esmagadoras da “Frente Popular Alagoana” (os números para vice-governador são bem semelhantes). Para finalizar, vamos atentar com mais detalhes para os números em Fernão Velho, começando pela votação para presidente.

Gráfico 5: votos para presidente nas 5 seções de Fernão Velho.



Provavelmente em razão da quantidade de candidatos, Jucelino obteve um percentual um pouco menor do que seu vice, João Goulart (86%). Independente disso, temos mais uma vitória relativamente tranquila dos candidatos apoiados por comunistas e trabalhistas. Em Alagoas, vimos apenas Arnon de Mello fazer uma referência a Juarez Távora, enquanto nenhum membro da “Frente Popular Alagoana” pronunciou-se sobre os candidatos à presidência, certamente em virtude da composição nacional, a aliança PSD-PTB. Como os

pessedistas ficaram de fora da frente alagoana, ainda que o vice-governador fosse do PTB, houve esse silêncio nas fontes consultadas. Vejamos, então, os números para o executivo estadual.

Gráfico 6: votos para governador nas 5 seções de Fernão Velho.

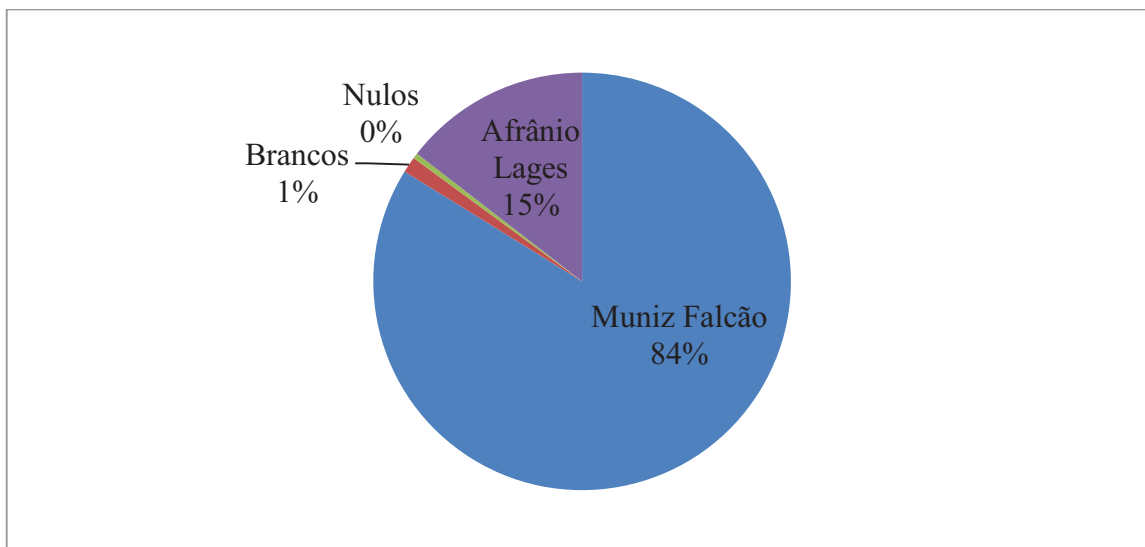
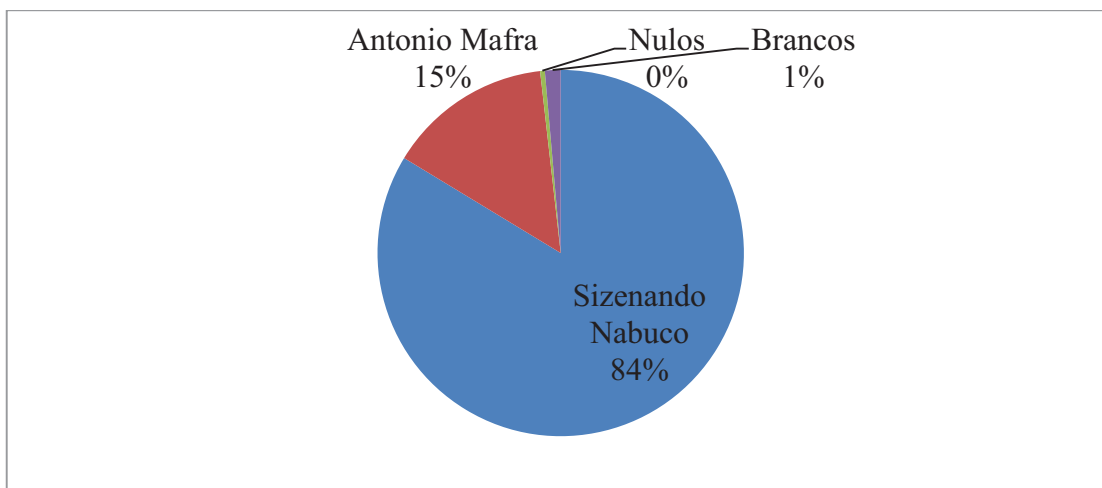


Gráfico 7 votos para vice-governador nas 5 seções de Fernão Velho.

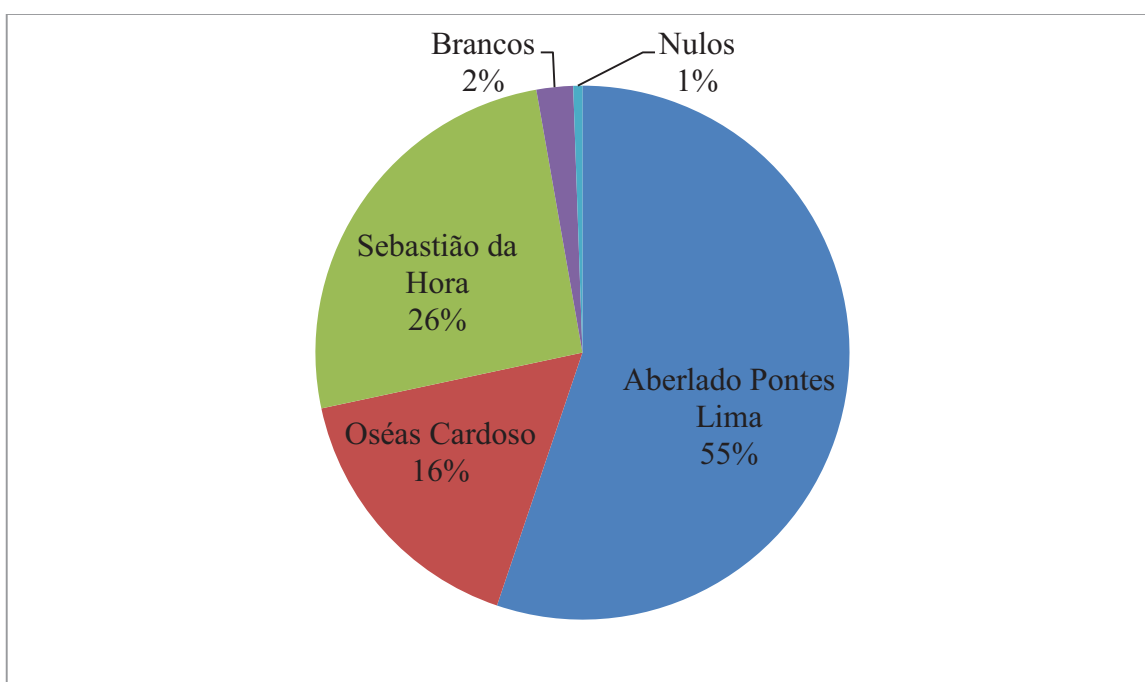


Em números absolutos, nas cinco seções há uma única diferença: Sizenando Nabuco teve um voto a mais que Muniz Falcão, o que torna os índices ainda mais expressivos. Em um

universo maior de eleitores como Fernão Velho, é mais clara a vitória da “Frente”. Ou seja, de nada adiantou as entrevistas e o discurso de Arnon de Mello em prol dos operários; ou ainda, não surtiu o efeito esperado o último comício de Afrânio Lages ter sido realizado em Fernão Velho. Com grande apoio dos comunistas, a “Frente Popular Alagoana” nem ao menos foi ameaça das urnas da localidade. Nem manipulados nem cooptados: os operários têxteis da Fábrica Carmen fizeram suas escolhas independente do poder político do governador em exercício.

Para encerrar, vamos à votação para prefeito de Maceió, na qual podemos mensurar e destacar outras questões apenas citadas acima.

Gráfico 8: votos para prefeito de Maceió nas 5 seções de Fernão Velho.



Em Saúde, a votação do médico Sebastião da Hora ficou bem aquém dos demais. Hora conseguiu apenas oito votos (em um universo de 112 votantes); os votos nulos, por exemplo, foram nove. Na Alexandria, perdeu para Oséas Cardoso (UDN) por dois votos (39 a 37). Mas em Fernão Velho, sobrepujou o candidato governista nas cinco seções. Qual a importância de vermos a sua votação?

Membro do PCB desde os anos 1930, Sebastião da Hora ajudou a fundar em Alagoas a Aliança Nacional Libertadora (ANL) em 1935. Foi preso em decorrência de seu envolvimento com a mesma ANL e possível contribuição ao movimento daquele ano. Sua campanha ocupou bastante o PCB, como relembra o sindicalista Rubens Colaço¹⁴ em seu depoimento: “O partido deu a carga que podia dar. O jornal *A Voz do Povo*, em plena atividade, contribuindo também; todos os militantes empenhados na campanha”. Na visão de Colaço, a derrota de Hora se deu à custa da burguesia alagoana, que “se encarregou de sacanear contra ele, embora fosse estimadíssimo. Uma coisa era o médico, o homem de propósitos. Outra coisa era o comunista. Então foi fácil, era só atirar pedras contra o Sebastião da Hora” (MAJELLA, 2010: 50). Não há fontes ou literatura para entendermos melhor essa opção do PCB alagoano por duas frentes, principalmente por optar compor coligação com PSD, Partido Socialista Brasileiro (PSB) e Partido Republicano (PR) à Prefeitura de Maceió. Uma indicação seria a proximidade com o PSB, partido com o qual os comunistas teriam alguma afinidade nos anos seguintes. A melhor possibilidade talvez seja alguma antipatia (recíproca) dos próceres petebistas: seguindo as suas raízes, é muito provável que o PTB de Alagoas possuísse um forte viés anticomunista (BENEVIDES, 1989: 42 e GOMES e D’ARAÚJO, 1989: 16)¹⁵.

A única divergência encontrada na documentação entre PCB e Muniz Falcão dizia respeito justamente à Prefeitura de Maceió. Com a morte do coronel Lucena Maranhão, em maio de 1955, foram incluídas no pleito a escolha do prefeito da capital¹⁶. Os comunistas não

¹⁴ Rubens Colaço Rodrigues nasceu em 4 de abril de 1930, em Poço Fundo, um povoado de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco. Caçula entre dezoito filhos, logo cedo veio morar em Alagoas, em União dos Palmares. Ex-dirigente sindical e conhecido militante comunista, atuou principalmente nos anos 1950 e 1960. Motorista, presidiu o sindicato da categoria.

¹⁵ As arengas entre as duas agremiações ficaram mais claras durante o mandato de Muniz Falcão. Gomes e D’Araújo mostram como “os trabalhistas jogavam em duas frentes”: ora combatendo, ora se aliando aos comunistas.

¹⁶ Oficial da polícia militar, José Lucena de Albuquerque Maranhão ficou famoso por ser o coronel do batalhão responsável por capturar e executar Lampião de seu bando. Elegeu-se prefeito de Santana do Ipanema, no sertão alagoano, em 1948. Dois anos depois, assumiu na Assembleia Legislativa, eleito pelo Partido Social Trabalhista de Silvestre Pércles, então governador de Alagoas. Em 1952, tornava-se prefeito de Maceió, em coligação formada por PTB e PSP. Morreu em maio de 1955, antes de completar seu mandato. No intervalo entre sua morte e o pleito de outubro de 1955, o vereador Abelardo Pontes Lima assumiu a prefeitura. Antes, em 1954, Lima candidatou-se a deputado estadual, sem sucesso. Repetindo a mesma coligação de Lucena Maranhão e com o apoio da “Frente Popular Alagoana”, Pontes Lima venceu, tornando-se prefeito de Maceió dessa vez pelo voto.

apoiaram Abelardo Pontes Lima, da “Frente Popular Alagoana”, e lançaram candidato próprio. Quando entrevistou o senador Ismar de Góis Monteiro, o repórter do *Jornal de Alagoas* perguntou sobre o clima eleitoral na capital, principalmente sobre o candidato a prefeito de Maceió, o médico Sebastião da Hora: “Sua candidatura, o que tudo indica, será apresentada pelo PSD, PSB e PR” (PREVÊ O CEL. Ismar a derrota da candidatura Muniz Falcão. *Jornal de Alagoas*. Maceió, 20 ago. 1955, p. 5)¹⁷.

Afora essas questões político-partidárias, temos o mais importante: ficou evidente a escolha dos operários têxteis e da classe trabalhadora de uma forma geral pelo candidato do PSP, independente do galanteio minuciosamente urdido por Arnon de Mello e do deslocamento da realidade apresentado pelas principais lideranças trabalhistas. Muito dessa escolha recai, justamente, sobre as atitudes da gestão anterior, quando comunistas e trabalhadores foram perseguidos por Mello desde o início de seu mandato: a principal liderança do PCB alagoano, Jaime Miranda, organizou um comício no mesmo dia da posse do novo governador (31 de janeiro de 1951), na Praça Rosa da Fonseca, a poucos metros da solenidade oficial. Sem perder tempo, Arnon de Mello convocou o 20º Batalhão de Caçadores, do exército, liderado pelo padrinho de Miranda e “conhecido como fervoroso udenista, no seu tempo” (BARROS, 1988: 170), o capitão Mário Lima. Lima não perdeu tempo e agiu rapidamente e temos a oportunidade de vê-lo relatar como procedeu naquele dia: “O saudoso e então tenente Alfredo Camarão, que chefiava o controle do policiamento do centro da cidade, conseguiu detê-los no tempo exato. Transportou-os (...) para o quartel do Farol onde, para maior tranquilidade, determinamos que ali pernoitasse” (LIMA, 2008: 275-276).

Com esse cartão de visitas, Arnon de Mello deu início ao seu mandato. Conforme demonstrado acima, a vitória de Muniz se deu nos centros urbanos, com eleitores-operários que não queriam e nem tinham razões para votar em um candidato apoiado por Mello. A derrota do udenista fica ainda maior se observamos que o então governador tinha dois (dos

¹⁷ Não encontrei documentação que comprove, mas muito provavelmente Hora saiu candidato pelo PSB, ainda que coligado com o PSD. No pleito seguinte, dois comunistas elegeram-se vereadores de Maceió pelo partido socialista. Outrossim, não encontrei alguma outra aproximação de Hora com Ismar de Góis Monteiro, outrora inimigo político dos comunistas.

três) grandes jornais alagoanos ao seu lado – era dono da *Gazeta de Alagoas*, e o *Jornal de Alagoas*, dos *Diários Associados*, apoiava seus candidatos – e havia derrotado a oposição no ano anterior, nas eleições legislativas de 1954, quando a UDN elegera dois senadores (para duas vagas), cinco deputados federais (nove vagas) e 16 deputados estaduais (35 vagas). Se os números são surpreendentes isoladamente, havia mais um elemento expressivo nessa vitória: em 1954, a oposição unira-se em um único bloco, uma coligação formada por seis partidos (Partido Democrata Cristão (PDC), PSB, PR, PSP, PTB e PSD). Mesmo com todo esse aparato político-legislativo, a classe trabalhadora alagoana fez a sua escolha e expressou isso nas urnas, dentro do jogo democrático em voga.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Luiz Sávio de. *Crônicas alagoanas vol. II – Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2006.
- BARROS, Luiz Nogueira. *A solidão dos espaços políticos*. Maceió: EDICULTE/SECULTE, 1988.
- BENEVIDES, Maria Victoria. *O PTB e o trabalhismo – partido e sindicato em São Paulo: 1945-1964*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. *O segundo governo Vargas: 1951-1954 – democracia, partidos e crise política*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- GOMES, Angela de Castro e D'ARAÚJO, Maria Celina. *Getulismo e trabalhismo*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- LIMA, Mario de Carvalho. *Sururu apimentado – Apontamentos para a história política de Alagoas*. 2º ed. Maceió: Editora da Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2008.
- LOPES, José Sergio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe na “cidade das chaminés”*. São Paulo: Marco Zero / Brasília: Editora de UnB em coedição com MTC/CNPq, 1988.
- MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. *Trabalhadores, identidade de classe e socialismo: os gráficos de Maceió (1895-1905)*. Maceió: EDUFAL, 2009.

MAJELLA, Geraldo de. *Rubens Colaço: paixão e vida – A trajetória de um líder sindical*. Recife: Edições Bagaço, 2010.

MOURA, Anderson Vieira. *Comunistas e trabalhadores urbanos em Alagoas (1951-1961)*. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

TENÓRIO, Douglas Apratto. *A tragédia do populismo – O impeachment de Muniz Falcão*. 2º ed. Maceió: EDUFAL, 2007.

WEFFORT, Francisco C. *O populismo na política brasileira*. 5º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.